

**Pandemia se intensifica e Bolsonaro semeia morte e desespero social**

A pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19) vem se espalhando de maneira dramática em nosso país. Os dados do dia 13 de abril são de 23.430 casos e 1328 mortes – sendo 105 mortes nas últimas 24 horas. Em um país de dimensões continentais – 26 estados, mais o distrito federal – o coronavírus já chegou em todos os estados e apenas um desses estados ainda não registrou nenhuma morte. casos e 1328 mortes. 105 mortos nas últimas 24 horas.

Esse cenário vem se agravando pela postura irresponsável e criminosa do presidente de extrema-direita Jair Bolsonaro que, desde o princípio da crise vem minimizando a gravidade da doença. Bolsonaro afirmou em mais de uma vez que o coronavírus trata-se apenas de uma simples gripe e vem atacando sistematicamente as medidas de quarentena. Eduardo Bolsonaro, deputado e filho do presidente, além do Ministro da Educação, Abraham Weintraub, têm responsabilizado o povo chinês e seus governantes pela atual pandemia causada pelo novo coronavírus. Os ataques ao povo chinês também foram replicados por dezenas de deputados federais e estaduais da base de apoio ao governo Bolsonaro e por uma milícia de propagadores de fake news que apoiam o governo nas redes sociais. Justamente no momento em que precisamos da importação de insumos médicos da China, o governo Bolsonaro cria uma crise diplomática com o nosso principal parceiro comercial.

Os ataques de Bolsonaro à política de isolamento social quase o levaram a demitir o atual ministro da saúde – que não tem feito mais do que seguir as orientações da OMS, dos próprios técnicos do ministério e defendido o isolamento como única medida eficaz de combate à pandemia. Bolsonaro, no entanto, recuou da demissão de seu ministro da saúde, ao notar seu isolamento político – os protestos contra o seu governo se intensificaram nos momentos que se seguiram aos primeiros rumores da demissão do ministro da saúde. Esses protestos aconteceram tanto nas redes sociais – espaço em que o governo vem perdendo apoiadores – e também em painéis que desde o início da quarentena tem se tornado quase que diários. Infelizmente, a permanência de Mandetta apenas aconteceu depois que o ministro se comprometeu a afinar o seu discurso ao do presidente Bolsonaro.

Vale lembrar, que o atual ministro da saúde, Henrique Mandetta, era um até então desconhecido ex-deputado federal, que se notabilizava por empreender um sucateamento do Sistema Público de Saúde e por realizar lobbies para os planos de saúde privado. No entanto, Mandetta, assim como governadores e prefeitos – de todos os espectros políticos – que defendem o isolamento social, tem tido expressivos

---

ganhos de popularidade. Bolsonaro, ao contrário, tem visto o seu apoio despencar – fato atestado por diversas pesquisas de opinião.

Bolsonaro, na sua cruzada em defesa do vírus e contra a saúde dos brasileiros e brasileiras, tem politizado o uso de medicamentos – sobretudo a cloroquina e a hidroxicloroquina – que, mesmo sem estudos clínicos definitivos – seria uma cura milagrosa para o Covid-19 e que poderia, dessa forma, justificar uma retomada da economia e o fim do isolamento social. Além disso, o proprietário do laboratório que produz a cloroquina é um conhecido militante das hostes de Bolsonaro.

Na realidade, Bolsonaro não faz nada de efetivo para ampliar o número de respiradores, leitos de UTIs, máscaras, testes que detectam o Covid-19 e EPIs para os trabalhadores da saúde. Além disso, as desigualdades regionais – que concentram a maioria da infraestrutura e dos profissionais da área da saúde nas regiões mais ricas no país – a extrema pobreza, aglomerações urbanas como as grandes favelas do país e a chegada do inverno no hemisfério sul, devem agravar ainda mais a pandemia.

Além de todos esses pontos, Bolsonaro tem apostado em atrasar e dificultar ao máximo os auxílios emergenciais aos trabalhadores e trabalhadoras e ao conjunto das forças produtivas do país. Ao contrário de diversos países que têm garantido emprego e renda, o governo Bolsonaro insiste em medidas que vão provocar severas perdas salariais. Também ignora a proteção efetiva dos empregos e chegou ao ponto de propor um auxílio emergencial de menos de 40 dólares mensais para trabalhadores e trabalhadoras informais – valor que o Congresso Nacional, com decisiva atuação da oposição parlamentar ao governo e do movimento sindical, aumentou para cerca de 120 dólares, podendo chegar até um valor de cerca de 240 dólares por família. Depois que o Congresso Nacional aprovou o auxílio emergencial, o governo Bolsonaro demorou mais de uma semana pra iniciar o cadastro desses trabalhadores(as) – em um processo repleto de falhas e que deve atrasar ainda mais o recebimento do auxílio – nos últimos dias, filas e enormes aglomerações de pessoas que buscavam validar o cadastro para o auxílio foram vistas em todo o país.

Para os trabalhadores formais, Bolsonaro propôs redução de jornada com uma redução variável de salário que pode passar de 60% da renda do trabalhador (a). Além disso, Bolsonaro tem insistido em suas propostas de retirada de direitos trabalhistas e de enfraquecimento dos fundos públicos vinculados aos trabalhadores (as). Todas essas mudanças das regras trabalhistas vêm acontecendo sem nenhum mecanismo de diálogo social. Dessa forma, o governo brasileiro descumpre, mais uma vez, a

---

Convenção 154 da OIT – que trata da obrigatoriedade de consulta aos trabalhadores em casos de mudanças na legislação laboral.

Nos últimos dias, os discursos de Bolsonaro minimizando a gravidade do novo coronavírus, a flexibilização da política de afastamento social por parte de governadores e prefeitos aliados do governo, o recuo do ministério da saúde, a pressão de empresários alinhados ao governo e a demora para que o auxílio emergencial chegue até quem precisa, resultaram em uma visível afrouxamento do afastamento social: há mais carros nas ruas e pessoas nas calçadas e nos comércios de produtos essenciais – o que poderá resultar em um aumento ainda mais expressivo do número dos casos de Covid-19 nas próximas semanas. Se na questão do negacionismo climático, Bolsonaro tem a companhia de diversos outros líderes da extrema-direita mundial, no caso dos negacionistas do novo coronavírus, Bolsonaro deslança para o macabro posto de “liderança global”.

A CUT Brasil luta e defende que seja garantida a estabilidade no emprego para todos os trabalhadores e trabalhadoras; além da manutenção de 100% dos salários para garantir o poder de compra, e os adequados recursos para que as famílias possam atravessar essa crise. Dessa forma, enquanto Bolsonaro mente e desinforma, colocando a população brasileira em risco de contágio pelo novo coronavírus (Covid-19), a CUT Brasil e seus sindicatos lutam para garantir que os trabalhadores e trabalhadoras possam ficar em casa para conter a disseminação da doença.

**Central Única dos Trabalhadores – Brasil**